

Documentos de Política Externa e de Segurança da Rússia após 2014: principais mudanças e implicações
Russian Documents of Foreign and Security Policy after 2014: main changes and implications

LARLECIANNE PICCOLLI¹, AUGUSTO CÉSAR DALL'AGNOL² & TITO L. B. PEREIRA³

Resumo: o presente artigo busca descrever e analisar as principais continuidades e alterações da Doutrina Militar, da Estratégia de Segurança Nacional e do Conceito de Política Externa da Rússia, bem como os imperativos para tais mudanças e a visão de Moscou sobre o sistema internacional após 2014.

Palavras-chave: Rússia; Política Externa e de Segurança; Documentos

Abstract: this paper aims to describe and analyze the main continuities and changes in the Military Doctrine, the National Security Strategy and the Foreign Policy Concept of Russia, as well as analyze the imperatives for such changes and Moscow's vision towards the international system after 2014.

Keywords: Russia; Foreign and Security Policy; Documents.

Recebido em:
5 de Julho de 2018

Received on:
July 5, 2018

Aceito em:
25 de Agosto de 2018

Accepted on:
August 25, 2018

DOI: 10.12957/rmi.2018.35779

¹Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Estudos Estratégicos Internacionais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Pesquisadora associada do ISAPE - Instituto Sul-Americano de Política e Estratégia. **Endereço para correspondência:** Av. João Pessoa, 52 - sala 33A - 3º andar, CEP 90040-000 - Centro - Porto Alegre/RS. **Email:** larle@hotmail.com

²Mestrando do Programa de Pós-graduação em Estudos Estratégicos Internacionais pela UFRGS. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Pós-graduando vinculado ao GECAP, Grupo de Pesquisa em Capacidade Estatal, Segurança e Defesa. **E-mail:** a.agnol@gmail.com

³Doutorando do PPG em Estudos Estratégicos Internacionais pela UFRGS. Pesquisador do INEST - Instituto de Estudos Estratégicos. **E-mail:** tlbarcellos@gmail.com

Introdução

O presente trabalho versa acerca dos atuais Documentos de Política Externa e de Segurança da Rússia (Doutrina Militar, 2014; Estratégia de Segurança Nacional, 2015; e Conceito de Política Externa, 2016). Diante disso, destaca-se que a nova Doutrina Militar foi adotada em dezembro de 2014, logo após o acirramento das tensões em torno da crise da Ucrânia. Aproximadamente um ano depois, Putin assinou a nova Estratégia de Segurança Nacional, documento base ao planejamento estratégico do país. Finalmente, em novembro de 2016, ratifica-se o Conceito de Política Externa, chamando atenção o curto período de duração das versões anteriores. Acredita-se que tais fatos sinalizam o entendimento russo de transformação do ambiente de segurança internacional.

Assim, pretende-se responder: quais as principais mudanças e continuidades encontradas nos atuais documentos de Política Externa e de Segurança da Rússia? Para tanto, a partir do estudo dos documentos, busca-se descrever e analisar suas principais continuidades e alterações, observando também os imperativos para tais mudanças e a visão que Moscou apresenta sobre o sistema internacional. O artigo é

dividido em três seções, para além desta Introdução e das Considerações finais. A primeira seção visa a analisar a Estratégia de Segurança Nacional, na segunda a Doutrina Militar e, finalmente, a terceira seção objetiva examinar o Conceito de Política Externa⁴.

1. A Estratégia de Segurança Nacional de 2015

Em dezembro de 2015, é aprovada pelo parlamento russo uma revisão da Estratégia de Defesa Nacional de 2010, em que são delineadas novas diretrizes e prioridades à Rússia. Ressalta-se tratar de um documento de planejamento estratégico, que estabelece os interesses nacionais e as prioridades estratégicas da Rússia, objetivos de política interna e externa, metas e medidas ao reforço da segurança nacional e ao desenvolvimento do país a longo prazo (Federação Russa, 2015, para. 1).

O documento destaca que o fortalecimento da Rússia no âmbito interno e externo, provoca reações antagônicas dos Estados Unidos (EUA) e seus aliados, haja vista a busca desses por posição de dominância no sistema internacional. Assim, a Estratégia

⁴ Para análise dos documentos por outras abordagens ver Kassianova (2001), Freire (2013).

entende que o Ocidente prossegue com uma política de contenção da Rússia através de pressão política, econômica, militar e midiática (Federação Russa, 2015, para. 12).

Uma das prioridades de Moscou é consolidar sua posição enquanto potência global, diligenciando seu status de liderança cujas ações visam garantir a estabilidade estratégica e parcerias mutuamente vantajosas no contexto de um mundo multipolar (Federação Russa, 2015, para. 7 e 30). O documento assinala a habilidade do país em garantir sua independência, soberania e integridade territorial, bem como a proteção de seus compatriotas no exterior – clara referência às populações étnicas russas no espaço pós-soviético. A Estratégia enfatiza, portanto, que disso resulta um aumento significativo do papel exercido na mediação e resolução de litígios internacionais, assegurando a supremacia da lei internacional nas relações interestatais (Federação Russa, 2015, para. 8).

Outro elemento que cabe destaque diz respeito à continuidade do desejo expresso na Estratégia de 2010 em relação ao estabelecimento de uma ordem policêntrica, em contraposição ao unilateralismo dos EUA. Neste sentido, o documento assinala que o processo de

formação desta ordem mundial policêntrica é acompanhado por um aumento da instabilidade global e regional. O aumento dos conflitos é atribuído ao desenvolvimento global desigual, à luta pelos recursos naturais, acesso aos mercados e controle das rotas comerciais, de sorte a igualmente atingir os valores e modelos de desenvolvimento social dos pares internacionais (Federação Russa, 2015, para. 13).

Enquanto o documento entende, por um lado, que a luta pela influência na arena internacional envolve uma gama de instrumentos políticos, financeiros, econômicos e informacionais (Federação Russa, 2015, para. 13), por outro, argumenta que a força militar segue predominante na manutenção do sistema internacional (Federação Russa, 2015, para. 14). Isto porque a constante modernização e expansão do aparato militar dos EUA e da OTAN enfraquecem o sistema de segurança global. No que diz respeito aos EUA, o documento entende que a presença militar global desses constitui um fator de instabilidade aos países. Assume que, frente ao desenvolvimento de sistemas de defesa antimísseis dos EUA, ao projeto de emprego de forças estratégicas não-nucleares (Prompt Global Strike) e das propostas de militarização do espaço, a manutenção

da estabilidade global e regional estão sendo enfraquecidas na Europa, na Ásia e Pacífico e no Oriente Médio (Federação Russa, 2015, para. 15).

Já em relação à OTAN, o documento assinala que sua contínua a expansão para leste implica na aproximação da infraestrutura militar das fronteiras russas criando uma ameaça factual à segurança nacional do país (Federação Russa, 2015, para. 15). Ainda, ressalta que a organização assume funções globais – em violação das normas legais internacionais, porém, que a abordagem utilizada para fazer frente a desafios e ameaças internacionais não está contribuindo para a resolução dos problemas, pelo contrário, os têm intensificado de forma a revelar a falência do sistema regional de segurança na região euro-atlântica (Federação Russa, 2015, para. 16). Neste sentido, percebe-se a predisposição da Rússia para uma reforma do atual sistema de segurança europeu a um mecanismo mais flexível e inclusivo, por exemplo, com o aumento de atribuições da OSCE (Organização para Segurança e Cooperação na Europa)⁵.

Outro elemento a ser destacado é o entusiasmo russo em relação ao espaço

pós-soviético e euroasiático. Neste sentido, o documento explicita o fortalecimento das organizações políticas, culturais, econômicas e estratégicas como a CEI (Comunidade dos Estados Independentes), a OTSC (Organização do Tratado de Segurança Coletiva), a União Econômica Eurasiática e a OCX (Organização de Cooperação de Xangai). Além disso, a Estratégia reconhece a importância de cooperação com atores regionais como a China e Índia, de forma a garantir estabilidade e integração política e econômica no espaço eurasiático (Federação Russa, 2015, para. 88-95). A China também recebe atenção especial enquanto peça chave na manutenção da estabilidade regional e global (Federação Russa, 2015, para. 93).

A Estratégia atenta também à ação de grupos extremistas, organizações estrangeiras e indivíduos que vislumbrem desestabilizar social e politicamente o país, bem como prejudicar a unidade e integridade territorial da Federação (Federação Russa, 2015, para. 43). Nesta acepção, as Revoluções Coloridas são enquadradas enquanto movimentos desestabilizadores, constituindo-se ameaças à segurança da Rússia. Se há uma orientação factual aos vizinhos pós-soviéticos – caso da Geórgia e Ucrânia, também é perceptível um

⁵ Este ponto também aparece no Conceito de 2016 (Federação Russa, 2016, para. 7).

direcionamento do texto a forças políticas opositoras dentro da Rússia, bem como a organizações não-governamentais apoiadas ou financiadas pelo Ocidente. O documento dá destaque à crise política na Ucrânia, acusando os EUA e a União Europeia (UE) de apoiar o golpe de Estado no país, e que a consolidação de movimentos de extrema-direita num esforço deliberado para criar uma imagem pública da Rússia enquanto inimiga tende a instabilizar toda a região (Federação Russa, 2015, para. 17).

A Estratégia sinaliza que o Ocidente tem agido em oposição aos processos de integração angariados por Moscou na região, mas, por sua vez, tem exercido forte pressão para expandir os mecanismos de integração militares e econômicos euro-atlânticos em direção as ex-repúblicas soviéticas. A Estratégia afirma que este movimento acabou por tornar esses países politicamente instáveis, socialmente divididos e hostis aos vizinhos russos, forçando-os a uma crescente postura de enfrentamento e revanchismo. Em suma, essas políticas ocidentais não contribuem para edificar uma plena integração econômica e política no espaço pós-soviético e prejudicam, ao fim e ao cabo, as relações da Rússia com o Ocidente.

2. A Doutrina Militar de 2014

No que diz respeito à Doutrina Militar da Rússia, ela também é parte dos documentos de planejamento estratégico do país, os quais alicerçam a visão estatal no tocante a desafios e ameaças internas e externas, bem como a preparação para defesa e proteção militar do país. Neste sentido, o documento tem amparo legal na Constituição Federal (1993), considerando disposições dos demais documentos estratégicos do país, bem como respeitando princípios e normas do direito internacional e tratados dos quais a Rússia seja signatária (Federação Russa, 2014, para.1-7). Assim, além de descrever a política de segurança da Rússia, o documento objetiva disseminar à comunidade internacional sua visão do sistema internacional e transmitir mensagens aos seus aliados e adversários.

A versão aqui em análise, datada de 25 de dezembro de 2014, substituiu o documento de 2010, revisando e atualizando as provisões acerca da segurança e defesa do país, levando em consideração as mudanças na arena internacional. Para além das similaridades, entende-se que existem mudanças perceptíveis entre os documentos as quais estão vinculadas à entonação arguciosa dada ao documento e ao desígnio de imperativos de segurança externos e domésticos.

Chama-se atenção ainda, para o fato de que a recente atualização ocorreu em um curto período de tempo⁶, denotando a percepção de que o ambiente de segurança da Rússia tem sido transformado.

Oliker (2015, n.p.) em recente análise ressalta que “o tom geral do documento representa uma mudança [...]” e que o “desafio reside em compreender os sinais enviados pela Rússia”. Acredita-se que a afirmação da autora pode ser elucidada a partir de pequenas mudanças no vocabulário do documento (abaixo listam-se duas), e que os sinais aos quais ela se refere sejam claros e propositivos, refletindo, ao fim e ao cabo, tom assertivo ao documento.

A primeira mudança em termos de vocabulário pode ser identificada no parágrafo cinco da Doutrina Militar, o qual tangencia a utilização de meios militares para defesa de interesses do país e de aliados. Enquanto sua versão predecessora utiliza-se de tom mais ponderado, mencionando a “adesão ao uso de instrumentos políticos, diplomáticos, legais, econômicos informacionais e [por fim] militares” (Federação Russa, 2014, para. I, 4), o novo documento é incisivo quanto ao uso de força militar à questão,

assumindo “compromisso de Moscou em tomar medidas militares” (Federação Russa, 2014, para. 5) após exauridas alternativas político-diplomáticas e econômicas, a fim de proteger a si e a aliados.

Uma segunda alteração reside na descrição do sistema internacional per se, pontuando os perigos e as ameaças militares à Rússia. Ao passo em que o documento de 2010 aponta um sistema internacional caracterizado pelo “enfraquecimento do confronto ideológico, redução do nível de influência econômica, política e militar de certos Estados (grupo de Estados) e alianças, e o aumento da influência de outros Estados com ambições de multipolaridade e globalização” (Federação Russa, 2010, para. II, 7), a versão atual assinala um fortalecimento da competição global, o aumento das tensões em diversas áreas de relações interestatais e inter-regionais, a rivalidade proclamada em termos de valores e modelos de desenvolvimento, e o aumento da instabilidade de processos políticos e econômicos que dão embasamento para um cenário de “complicação das relações internacionais” (Federação Russa, 2014, para. 9).

A Doutrina Militar explicita a construção de facilidade militares da

⁶ Documentos anteriores são datados de 1993, 2000 e 2010.

OTAN como a principal ameaça à segurança do país (Federação Russa, 2014, para. 12a). Isto é, ao passo em que o documento de 2010 mencionava “o desejo” da OTAN em dotar seu potencial de força e a expansão do bloco para o entorno fronteiriço russo, o documento de 2014 pontua “o acúmulo de poder da OTAN [...] e da infraestrutura militar dos países membros para próximo das fronteiras da Rússia e suas futuras expansões” (Federação Russa, 2014, para. 12a, 12c). Em suma, o avanço da OTAN em termos políticos e estruturais é descrito enquanto factual, e não mais apenas um “desejo”.

Salienta-se ainda, a inclusão da implementação do conceito de Global Strike, por muito tempo uma preocupação não declarada, enquanto risco militar externo (Federação Russa, 2014, para. 12d). O intento militar norte-americano de desenvolver um sistema capaz de entregar munição guiada de precisão valendo-se de mísseis balísticos baseados em terra ou submarinos (Kristensen, 2006; Kristensen; Norris, 2011), possibilitando o desarme do adversário nuclear usando exclusivamente ogivas convencionais, embasa a proposição russa de resposta utilizando-se de armas estratégicas, não apenas a um ataque nuclear, mas também a ataques

convencionais (Federação Russa, 2014, para. 16). A Rússia declara compromisso em se opor aos esforços dos pares internacionais em alcançar superioridade militar por meio de desenvolvimento de tecnologias para equiparação militar, a saber, defesas antimísseis, armas espaciais, munição guiada de precisão, etc. Todavia, para além da assertividade em torno da desestabilização de correlação de forças, a Rússia segue primando pelo respeito ao direito internacional e por vias cooperativas para negociação de tratados e acordos regulatórios que, ao fim e ao cabo, previnam o imperativo da primazia nuclear (Federação Russa, 2014, para. 14; 21, k).

Outro fato de destaque, também mencionado na Estratégia de Segurança Nacional, é a desestabilização política nas regiões adjacentes à Rússia enquanto dispositivo de insegurança ao Estado. Neste sentido, encontra-se a adição de tópicos que remetem diretamente ao uso de tecnologias de comunicação e informação com propósitos militares, ou seja, contra a soberania, independência política e integridade territorial dos Estados – fundamentos conceituais de Guerra Híbrida (Federação Russa, 2014, para. 12, l-n, 13). Em síntese, a nova Doutrina faz alusão, ainda que indiretamente, à verossimilhança das Revoluções

Coloridas com a situação na Ucrânia e, também, com a possibilidade destes movimentos se propagarem para a esfera doméstica russa. Tal delimitação embasa, portanto, a definição das características dos conflitos militares contemporâneos que, diferentemente de 2010, passam a incluir o uso de operações indiretas e assimétricas, o emprego de forças políticas e de associações públicas financiadas do exterior enquanto método de conflito.

Assevera-se que as proposições descritas no documento enquanto riscos e ameaças são reflexos de um sistema internacional hostil, acentuado pelos eventos da Praça Maidan (fevereiro de 2014). Tal visão é reverberada no documento, mormente na capacidade de prontidão e resposta militar do país. Ganha destaque também o desenvolvimento de um complexo industrial de defesa que coordene atividades civis e militares no escopo econômico, intelectual (desenvolvimento de tecnologias) e legal (garantir proteções dos resultados de pesquisas), em garantia da defesa e segurança do país. Neste sentido, é ressaltada também a relevância da prontidão e adequação da infraestrutura industrial e logística ao setor de defesa (Federação Russa, 2014, para. 35).

Não obstante a pertinência das mudanças acima supracitadas, a menção axiomática à “proteção dos interesses nacionais da Rússia na região do Ártico” é significativa (Federação Russa, 2014, para. 32). Vem ao encontro das recentes ações do país na região, servindo enquanto afirmação da posição russa em relação à região. Infere, assim, o potencial econômico da região, representado pelas reservas de hidrocarboneto, mas, por outro lado, tem a ciência de que este potencial não deva se sobrepor ao ímpeto securitário. Assim, a orientação securitária não é incrédula quanto à exploração dos recursos, mas condiciona o espectro econômico aos imperativos de segurança. Tal proposição é elucidada em outros documentos, vide Estratégia de Segurança Nacional (2015), via assertiva em relação a importância na liderança em exploração de recursos energéticos nos oceanos enquanto parte fundamental do processo de competição de desenvolvimento científico e tecnológico entre os Estados (Federação Russa, 2014, para. 13).

Diante disso, a Estratégia faz menção ao incremento econômico da região destacando a importância do desenvolvimento de infraestrutura de transportes a fim de alavancar novas rotas logísticas, mas destaca, sobretudo, a relevância da infraestrutura militar

(Federação Russa, 2014, para. 62). Neste sentido, além da cooperação internacional em bases de benefícios mútuos ser prezada pela Estratégia de Segurança Nacional, o Conceito de Política Externa de 2016 - que será abordado na próxima seção -, enfatiza, também, que a Rússia irá balancear todas as tentativas que possam levar a confrontação ou a conflito militar no Ártico (Federação Russa, 2016, para. 76).

Por fim, atenta-se ao destaque dado para o fortalecimento de sistemas de segurança coletiva de seu entorno regional como a OTSC, da mesma forma que a intensificação da cooperação em termos de segurança internacional estruturada a partir da CEI, da OSCE e na OCX. Ainda, ressalta-se o ímpeto a promover a criação de um novo modelo de segurança com a região da Ásia-Pacífico de forma a manter um diálogo equânime com as questões de segurança europeias e suas instituições (UE e OTAN). Os BRICS, novidade no documento, são citados na qualidade de novos e importantes parceiros para expansão da cooperação em segurança internacional (Federação Russa, 2014, para. 21-g-h). Ademais da centralidade das instituições ocidentais enquanto fonte de ameaça à segurança do país, é perceptível uma guinada à Ásia e países

emergentes pari passu à chancela um sistema internacional multipolar e multivetorial defendido em seus documentos estratégicos.

3. O Conceito de Política Externa de 2016

A presente seção visa a analisar o Conceito de Política Externa da Rússia da Rússia, de 30 de novembro de 2016. Destaca-se, de imediato, que o documento atualiza e revisa áreas chaves e metas da política externa para refletir as mudanças na arena internacional nos últimos três anos e está estruturado de forma muito similar aos seus predecessores de 2013, 2008 e 2000. Chama-se a atenção, ainda, de que os três documentos que foram adotados anteriormente tornaram-se obsoletos em praticamente um ano após a sua adoção, em decorrência de eventos relacionados ao 11 de setembro de 2001, à guerra da Geórgia e à crise da Ucrânia/Síria (Kureev, 2016).

Há que se destacar, primeiro, que existe uma concepção de uma nova ordem mundial multipolar em contraponto ao Ocidente em declínio. Se a versão de 2013 (Federação Russa, 2013) sugeria que a habilidade de dominação da política e da economia mundial por parte do Ocidente estava diminuindo e um novo sistema estava emergindo, o Conceito de 2016 sugere que essa

transição está quase completa (Frear, 2016). Assim, entende-se que o desejo dos países ocidentais de retomar a sua posição de dominação através da imposição de suas vontades em outros centros de poder está apenas levando à turbulência (Federação Russa, 2016, para. 5).

Para Barabanov (2016), a segunda seção do Conceito é de particular importância ao passo em que reflete uma nova visão conceitual da política internacional. A ideia central diz respeito ao fato de que as dinâmicas centrais do mundo serão determinadas pela contradição entre o que a globalização significa para uma pequena elite seleta e o que ela significa para o resto da população. Neste sentido, o autor sinaliza que essa contradição levará a uma séria transformação interna no Ocidente. Especificamente, o Conceito aponta, pela primeira vez, que a habilidade do Ocidente em dominar a política e a economia mundial está em declínio (para. 4). Mais do que isso, o documento torna claro, ainda, que as tentativas do Ocidente de impor os seus próprios valores aos outros países e de conter centros alternativos de poder são a principal causa para a instabilidade mundial e uma fonte de conflito e guerras. Diante disso, o Conceito interpreta a instabilidade internacional não enquanto produto de um sistema

policêntrico/multipolar em ascensão, mas como decorrente da indisposição do Ocidente em partilhar o seu papel dominante.

Segundo, percebe-se uma continuidade nas prioridades da Rússia para a resolução dos problemas mundiais. Todavia, para Frear (2016), a maior mudança é a expansão da seção destinada à segurança internacional, que entra em detalhes muito mais aprofundados que os Conceitos anteriores, particularmente em termos de terrorismo internacional na medida em que ressalta a necessidade da criação de uma coalizão internacional para combater o terrorismo (Federação Russa, 2016, para. 33). O documento de 2016 revela-se, ainda, fortemente contrário à ideia de responsabilidade de proteger, utilizada pelo Ocidente como justificativa para intervenções humanitárias (Federação Russa, 2016, para. 32). Por fim, ao mencionar o caráter da Rússia enquanto um país de diversas religiões, nacionalidades e etnias, o Conceito de 2016 (Federação Russa, 2016, para. 38) argumenta que a Rússia é capaz de agir enquanto “um intermediário na resolução de conflitos internos de terceiros através da aplicação de sua própria experiência interna em neutralizar as ameaças postas pelo extremismo e pelo fundamentalismo” (Hawk 2017, n.p.).

Terceiro, destaca-se que há alguns ajustes nas prioridades regionais no espaço pós-soviético. Julga-se pertinente salientar que, enquanto a primeira prioridade regional mencionada ainda seja a cooperação bilateral/multilateral com membros da CEI e o seu fortalecimento (Federação Russa, 2016, para. 49), “na realidade a CEI é menos proeminente no Conceito de 2016” do que no de 2013 (Frear, 2016, n.p.). Assim, o aprofundamento e a extensão da União Econômica Euroasiática (UEE) e o desenvolvimento da OTSC são, agora, destacados antes de qualquer menção detalhada à CEI. O novo documento deposita uma grande atenção na mudança de interesses da Rússia em direção ao Extremo Oriente, sobretudo devido à compreensão de que os processos de integração da Eurásia e da Ásia-Pacífico são complementares.

Percebe-se um menor entusiasmo no que diz respeito às relações com a UE. O Conceito de 2016 (Federação Russa, 2016, para. 61) deposita culpa da deterioração das relações com a Rússia no expansionismo buscado pela UE e pela OTAN, o que não se observava no Conceito de 2013. Além disso, os documentos anteriores referiam-se à Rússia como uma parte integral e inseparável da civilização europeia, não mencionado no Conceito de 2016.

Finalmente, o Conceito reconhece a utilidade da OSCE e do Conselho da Europa. Em suma, o que se entende por mais relevante, aqui, é o fato de que a prioridade estratégica da Rússia nas suas relações com a UE é estabelecer um espaço econômico e humanitário comum do Atlântico ao Pacífico ao harmonizar e alinhar os interesses do processo de integração europeu e euroasiático, o que preveniria a emergência de novas linhas de fratura no continente europeu (Federação Russa, 2016, para. 63), preocupação também presente no Conceito de 2013 (Federação Russa, 2013, para. 54).

Outra questão é o recrudescimento da retórica em relação aos EUA. Entende-se relevante mencionar, também, a menção - não presente nas outras versões do documento - de que a Rússia e os EUA sustentam uma responsabilidade especial em termos de estabilidade estratégica global e segurança internacional, oferecendo um caráter de equidade entre os dois países. Há, ainda, a declaração explícita de que as relações entre EUA e Rússia apenas podem ser construídas em base de igualdade, respeito mútuo pelos interesses e não-interferência nos assuntos internos. Neste sentido, torna-se claro que, enquanto a Rússia busca boas relações, ela também se reserva o direito de responder firmemente àquilo

que percebe como tentativa dos EUA de exercer pressão militar, política ou econômica, o que incluiria o reforço da segurança nacional e a tomada de medidas retaliatórias e assimétricas (Federação Russa, 2016, para. 72).

Ainda sobre os EUA, o Conceito apresenta uma explícita rejeição da doutrina do “excepcionalismo americano”, que é descrito como uma tentativa de colocar os EUA acima de todas as leis e normas internacionais (Hawk, 2017). De forma similar, explicitamente nomeia os esforços estadunidenses em estabelecer defesas de mísseis estratégicos como um ameaça direta à segurança nacional russa (Federação Russa, 2016, para. 73), diferentemente da preocupação do Conceito de 2013, que visava a garantia de que o sistema global de defesa de mísseis não fosse voltado às forças de dissuasão nuclear da Rússia (Federação Russa, 2013, para. 70).

Um sexto ponto a considerar é que o Conceito leva adiante a ideia que foi expressa no encontro do Valdai Discussion Club (27/10/2016), de que o papel da força nas relações internacionais tende a aumentar, não a diminuir (Federação Russa, 2016, para. 6). Assim, é reforçada a ideia de que os esforços para expandir e modernizar as capacidades militares e para criar e

empregar novos tipos de armas minam a estabilidade estratégica e apresentam um problema à segurança global, de forma similar ao que foi destacado na Estratégia. De acordo com o Conceito, o enfraquecimento do Ocidente também proporciona uma série de oportunidades como, longe da ideia do “fim da história”, o fato da “comunidade internacional” estar experimentando a reemergência de diversos modelos distintos de desenvolvimento (para. 4), ainda que reconheça o acirramento da disputa acerca de quem obterá o direito de moldar os novos princípios-chaves da ordem internacional (Federação Russa, 2016, para. 5).

Além disso, enquanto o documento de 2016 avalia o risco de uma guerra entre as grandes potências enquanto baixo, ele alerta às grandes potências acerca de que elas poderiam ser atraídas para guerras locais que, eventualmente, teriam o potencial de escalada a um conflito entre grandes potências (Federação Russa, 2016, para. 6). Por fim, destaca-se que a Rússia se percebe como uma potência em ascensão e que retrata a reação do Ocidente às suas ações assertivas no estrangeiro como uma estratégia de contenção - expressão que não aparece nos outros Conceitos - à ascensão russa (Federação Russa, 2016, para. 61).

Em consonância ao argumento de Bordachev, entende-se que “o Conceito é [...] antes uma filosofia de política externa do que um plano de ação concreto” (Valdai 2016, n.p.). A assunção política subjacente ao Conceito de 2016 é a de que o Ocidente está em um declínio inexorável e, diante disso, ele busca negar às outras potências ascendentes (Rússia e China) seus devidos lugares. Deduz-se também que o novo documento reflete “uma maior confiança russa em sua habilidade de desempenhar um papel mais construtivo na política internacional e a preocupação da Rússia com a estabilidade do sistema internacional” (Hawk 2017, n.p.).

Considerações finais

O presente trabalho buscou analisar três recentes documentos estratégicos da Rússia. Ainda que cada documento apresente suas especificidades em decorrência dos seus distintos escopos, a observância de elementos que se repetem ao longo dos seus textos permite algumas inferências em relação à visão de mundo da Rússia após a crise da Ucrânia e da Síria. A primeira consideração diz respeito ao recrudescimento das críticas em relação aos EUA e à UE. Percebe-se nos documentos a ideia de que a instabilidade internacional não decorre

da emergência de um mundo policêntrico/multipolar, mas enquanto decorrência da indisposição do Ocidente em aceitar esses novos polos.

Relacionado ao primeiro ponto, destaca-se a ênfase dos documentos ao fato das alianças militares e políticas existentes - sobretudo ocidentais - não serem capazes de conter uma série de desafios e ameaças que o mundo vem enfrentando. Neste sentido, percebe-se o anseio russo por um mecanismo mais flexível e inclusivo para a resolução efetiva dessas questões. Entende-se, ainda, que a principal ameaça à Rússia são as instituições ocidentais, sobretudo a OTAN e a UE. Diante disso, percebe-se um descontentamento com estas e um consequente pessimismo implícito no que diz respeito às possibilidades de cooperação entre as partes.

A quarta consideração a ser ressaltada diz respeito a um otimismo da Rússia para com a região oriental do mundo. Assim, há uma guinada mais explícita para a Ásia que em relação aos documentos anteriores. Isto é, entende-se que o fortalecimento das instituições orientais em paralelo às ocidentais seja uma cartada da Rússia para a persecução de seus interesses. Neste sentido, percebe-se, também, um menor entusiasmo em relação aos BRICS mas, por outro lado, um maior vigor com os

RICs – fato explicitado pela entrada da Índia e do Paquistão na OCX, em junho de 2017 (Michel, 2017).

Em quinto lugar, chama-se a atenção para a continuidade da interpretação da Rússia sobre terrorismo. Todavia, destaca-se a importante ênfase dada pelos documentos no que tange à capacitação da Rússia para agir de forma mediadora na resolução de conflitos que envolvem extremistas - nacionalistas, religiosos, terroristas - a partir da própria experiência russa ao longo dos anos de 1990 e 2000.

Ainda que esta pesquisa seja limitada à visão oficial da Rússia, entende-se que as presentes considerações realizadas se

apresentam de forma relevante para a compreensão das mudanças de posicionamento da Rússia frente a um sistema regional e mundial em transformação, sobretudo após o ano de 2014. Diante disso, infere-se que uma possível via de trabalho futuro seria analisar as correlações entre os documentos aqui estudados e às ações de fato da Rússia em termos de política externa, segurança e defesa. Em suma, assume-se que o presente trabalho cumpre com o que é proposto e, ainda, abre vias de pesquisa para futuros esforços de pesquisa, sobretudo aqueles que versem, de maneira aprofundada, acerca dos elementos contidos nas presentes considerações finais.

Referências

Barabanov, O. (2016). *From globalization of the elites to globalization for all*. Valdai Discussion Club. Disponível em <http://valdaiclub.com/a/highlights/from-the-globalization-of-the-elites-to-globalizat/> [Acesso em: 14 Ago. 2017].

Federação Russa. (2016). 30 nov. 2016. *Foreign Policy Concept of the Russian Federation*. Disponível em http://www.mid.ru/en/foreign_policy/official_documents/-/asset_publisher/CptICkB6BZ29/content/id/2542248?p_p_id=101_INSTANCE_CptICkB6BZ29&_101_INSTANCE_CptICkB6BZ29_languageId=en_GB [Acesso em: 8 Ago 2017].

Federação Russa. (2010). 20 fev. 2010. *The Military Doctrine of the Russian Federation*. Disponível em http://www.sras.org/military_doctrine_russian_federation_2010 [Acesso em: 13 Ago. 2017].

Federação Russa. (2014). 25 dez. 2014. *The Military Doctrine of the Russian Federation*. Disponível em <https://rusemb.org.uk/press/2029> [Acesso em: 13 Ago. 2017].

Federação Russa. (2013). 18 fev. 2013. *Concept of the Foreign Policy of the Russian Federation*. Disponível em http://www.mid.ru/en/foreign_policy/official_documents/-/asset_publisher/CptICkB6BZ29/content/id/122186?p_p_id=101_INSTANCE_CptICkB6BZ29&_101_INSTANCE_CptICkB6BZ29_languageId=en_GB [Acesso em: 9 Ago. 2017].

Federação Russa. (2015). 31 dez. 2015. *Russian National Security Strategy*. Disponível em <http://www.ieee.es/Galerias/fichero/OtrasPublicaciones/Internacional/2016/Russian-National-Security-Strategy-31Dec2015.pdf> [Acesso em: 18 Ago. 2017].

Frear, M. (2016). *What's New in Russia's Latest Foreign Policy Concept?* Leiden Rusland Blog. Disponível em <http://www.leidenruslandblog.nl/articles/whats-new-in-russias-latest-foreign-policy-concept> [Acesso em: 11 Ago. 2017].

Freire, R. (2013). “Política externa russa: as dimensões material e ideacional nas palavras e nas ações”. *e-cadernos ces*, v. 9, p. 7-30.

Hawk, J. (2017). *Russia's updated Foreign Policy Concept - analysis*. South Front. Disponível em <https://southfront.org/russias-updated-foreign-policy-concept>. [Acesso em: 12 Ago. 2017].

Kassianova, A. (2001). “Russia: Still Open to the West? Evolution of the State Identity in the Foreign Policy and Security Discourse”. *Europe-Asia Studies*, v. 53, n. 6, p. 821-839.

Kristensen, H. M. (2006). *Global Strike: A Chronology of the Pentagon's New Offensive Strike Plan*. Washington: Federation of American Scientists. Disponível em <http://www.fas.org/ssp/docs/GlobalStrikeReport.pdf> [Acesso em 13 nov. 2012].

Kristensen; H. M.; Norris, Robert S. (2011). “Chinese nuclear forces”. *Bulletin of the Atomic Scientists*, v. 67, n. 6, p. 81-87.

Kureev, A. (2016). *Decoding the changes in Russia's new foreign policy concept*. Russia Direct. Disponível em <http://www.russia-direct.org/opinion/decoding-changes-russias-new-foreign-policy-concept> [Acesso em: 14 Ago. 2017].

Michel, C. (2017). *It's Official: India and Pakistan Join Shanghai Cooperation Organization*. The Diplomat. Disponível em <http://thediplomat.com/2017/06/its-official-india-and-pakistan-join-shanghai-cooperation-organization/> [Acesso em: 20 Ago. 2017].

Oliker, O. (2015). *Russia's New Military Doctrine: Same as the Old Doctrine, Mostly*. The RAND Blog. Jan. Disponível em <https://www.rand.org/blog/2015/01/russias-new-military-doctrine-same-as-the-old-doctrine.html> [Acesso em: 10 Ago 2017].

Valdai. (2016). *Russia's new Foreign Policy Concept: we need friends, not enemies*. Valdai Discussion Club. Disponível em <http://valdaiclub.com/a/highlights/russia-s-new-foreign-policy> [Acesso em: 12 Ago 2017].